

*Diários dos Viajantes Estrangeiros como Subsídio
para a Pesquisa Urbana: Os equipamentos e espaços
públicos de Porto Alegre, 1820 a 1890*

Bruno Cesar Euphrasio de Mello

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – FEEVALE

ABSTRACT

This article is an analysis of the changes and characteristics of equipment and public spaces of Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul, Brazil, between the years 1820 and 1890. It uses as sources descriptions of the city contained in the travel diaries of a group of foreign travelers - Auguste Saint-Hilaire, Arsène Isabelle, Robert Ave-Lallemant, Oscar Canstatt, and Breitenbach Wilhelm Moritz Schanz. The use of these reports linked romantically to the authors allow a close approximation to the life of the city and its spaces thereby questioning established assumptions.

Keywords: travelers; diaries; Porto Alegre; Brazil; the nineteenth century

Este artigo faz uma análise das transformações e características dos equipamentos e espaços públicos de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Brasil, entre os anos de 1820 e 1890. Usa como fonte descrições da cidade contidas nos diários de viagem de um conjunto de viajantes estrangeiros - Auguste Saint-Hilaire, Arsène Isabelle, Robert Ave-Lallemant, Oscar Canstatt, Wilhelm Breitenbach e Moritz Schanz. O uso destes relatos ligados afetivamente aos seus autores permitiria uma aproximação íntima com o cotidiano da cidade e com seus espaços, relativizando pressupostos já estabelecidos.

Palavras-chave: viajantes; diários; Porto Alegre; Brasil, século XIX

Introdução.

Por circunstâncias próprias de nossa época o pesquisador encontra hoje farta disponibilidade de dados e fontes para suas pesquisas. São estatísticas, em arquivos e registros administrativos ou históricos, análises e interpretações de pesquisas científicas, tanto nas sedes de instituições públicas ou privadas. Também através de sites na internet, ferramenta que além de reduzir distâncias e de permitir um insuperável intercâmbio entre pesquisadores do mundo, disponibiliza gratuitamente fotos e softwares que reproduzem virtualmente edifícios, ruas, bairros. Pode-se conhecer e passear por ruas de cidades importantes do mundo sem sair de casa, conectado.

Podemos até mesmo imaginar, para a pesquisa em Planejamento Urbano e Regional e ao estudo e interpretação das cidades o mesmo que Achim Schrader (2002) coloca para a pesquisa social. Diz este autor:

É necessário apenas um mínimo de fantasia para elaborar um cenário no qual o pesquisador social, durante uma carreira como pesquisador, não abandona mais seu computador no local de trabalho ou até mesmo em sua residência. Seu contato direto com a sociedade – seu objeto de pesquisa – limita-se a encontros casuais em botequins, na sala de espera do médico ou no estádio de futebol. [...] ele observa seus contemporâneos com os olhos das câmeras de televisão e com os ouvidos dos microfones operados por terceiros, ou lê sobre eles em revistas semanais e magazine (Schrader, 2002, p. 98).

Sem entrar na discussão dos obstáculos e limites que determinadas operações metodológicas apresentam ao conhecimento científico¹ há pesquisadores que têm a cidade como objeto de estudo que não se satisfazem unicamente com a comodidade de gabinetes e escritórios. Procuram experimentar as ruas, “microcosmos da vida”, lugares que “fazem parte da própria memória do mundo, abrigando tanto os grandes acontecimentos como os pequenos incidentes cotidianos” (Pesavento, 1996, p. 9). Parecem entender como Michel Maffesoli (2008) que a inteligência está negativamente circunscrita às fronteiras das instituições e que ela deve transpô-las.

[...] a inteligência ficou desempregada. Isso quer dizer que ela está confinada nos domínios privativos desses locais especializados que são as universidades, os centros de pesquisa, desconectando-se cada vez mais da vida real no que esta tem de desordenado, efervescente, matizado (Maffesoli, 2008, p. 179).

Negando esta perspectiva Schrader (2002) avalia que o ato de percorrer as ruas da cidade – abordado por ele como passeio – é uma possibilidade de método de pesquisa social empírica. Ele considera que esta modalidade de

¹ Pierre Bourdieu (2004) polemiza as operações da prática científica para poder encontrar meios de superar seus erros e suas más práticas. Aborda questões amplas como a necessidade de se evitar a contaminação das noções pelas pré-noções no que diz respeito ao uso da linguagem comum em contraposição à expressões complexas construída com palavras comuns e que denotam conceitos teóricos. Também interroga a pesquisa que utiliza questionários como instrumento de coleta de informações que, julgando-se neutros, propõe a seus pesquisados julgamentos pré-estabelecidos e que são seus. Trata ainda das ferramentas conceituais ou técnicas que permitem dar todo vigor e toda força à verificação experimental.

investigação é menosprezada, tida como pouco importante no campo da pesquisa social. Esta postura recorrente frente a este método poderia ser advinda da acepção do termo passeio; significação nada séria, mais vinculada ao lazer e à exploração despreziosa do mundo. Como afirma o autor, para alguns pesquisadores “atribuir a tal comportamento um significado científico como instrumento de cognição parece abstruso” (Schrader, 2002, p. 99), visão esta que ele refuta e tenta contrapor. Em seu estudo busca lições e procedimentos metodológicos ao discutir autores passeadores cientistas sociais ou não.

Dentre estes que passearam e caminharam pelas cidades experimentando as sensações que suas ruas transmitem e registraram esta vivência estão os viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no início do século XIX. Poderiam estes registros oferecer informações para elaboração de pesquisas científicas?

Ao escrever sobre a história do Brasil Boris Fausto afirma que após a abertura dos portos às nações amigas em 1808,

[...] vieram ao Brasil cientistas e viajantes estrangeiros, como o naturalista e mineralogista inglês Jonh Mawe, o zoólogo bávaro Spix e o botânico Martius, também bávaro, o naturalista francês Saint-Hilaire, autores de trabalhos que são uma fonte indispensável de conhecimento daquela época (1995, p. 127).

Já segundo Filho e Franco (2004, p.7),

[...] hoje não resta a menor dúvida quanto ao valor de tais relatos e depoimentos, não como fontes inquestionáveis – que sempre serão passíveis de correção e de controvérsia, mas como contrapondo às idéias tradicionais e correntes na literatura produzida pelos autóctones.

O campo da história parece dar crédito, como nos fazem crer estes autores, aos relatos desses sujeitos como fontes indispensáveis e indubitavelmente valiosas para o conhecimento do passado histórico brasileiro.

Ao relatar o Brasil que vislumbravam, os viajantes estrangeiros pretendiam, como diz Pesavento (2004), observá-lo, inventá-lo-ia, catalogá-lo, dar a conhecê-lo. Não projetam, a priori com seus diários, realizar texto que fosse além de um apanhado de impressões e acontecimentos cotidianos. Por isso o esforço em descrever minuciosamente os pormenores da cidade anteriormente desconhecida, em detalhar os variados aspectos do ambiente e da vida dos locais visitados. Os de fora, os estrangeiros ou forasteiros apresentam o “olhar do outro que se define na estrangeiridade de vistas diante do local, é um olhar que expõe a diferença de modo claro, exibindo seus marcos referenciais” (Pesavento, 2004, p. 191).

Entretanto é necessário cautela ao adotar estas visões estrangeiras e o conhecimento através do contato direto. Bachelard (1996) ensina que o conhecimento científico é uma forma de conhecer diferente do conhecimento vulgar e do senso comum, que talvez possa ser suscitado a partir desse contato com o ambiente desconhecido. Como avalia este autor a “observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil. Basta descrevê-la para se ficar encantado” (Bachelard, 1996, p. 25). Seu ponto de vista coloca um importante obstáculo a ultrapassar. O do encantamento. A simples ode ao errante e ao relato de suas impressões e sensações seria insuficiente para

uma pesquisa científica. No entanto, percorrer a cidade e unicamente faltar-se em devaneios, em delírios sensíveis pela presença pitoresca, atentar superficialmente às surpresas e ao colorido que se revela a cada esquina não seria o bastante para o conhecimento científico. Para Bourdieu (2004), tampouco deveria o pesquisador valorizar em demasia o deslumbramento deixado nos discursos desses sujeitos, pois se corre “o risco de substituir pura e simplesmente suas pré-noções pelas pré-noções dos que ele estuda” (Bourdieu, 2004, p. 50). Evidentemente serão precauções que esta pesquisa terá de tomar ao buscar extrair dos relatos do passado elementos para o conhecimento da cidade.

Assim, entendendo que o transitar pelas ruas da cidade é uma forma válida de conhecê-la, entendimento fundamentado num conjunto de pesquisadores que dão seriedade a esta modalidade aparentemente despreziosa, compreendendo as cautelas que devem ser tomadas ao incorporá-la como forma de investigação e valorizando os viajantes estrangeiros como fontes relevantes, é importante, ainda, ressaltar o que argumenta Maffesoli (2008) sobre o valor da vivência direta.

Cabe lembrar que ater-se à vivência, à experiência sensível, não é comprazer-se numa qualquer *delectatio nescire*, ou negação do saber, como é costume crer, por demais freqüentemente, da parte daqueles que não estão à vontade senão dentro dos sistemas e conceitos desencarnados. Muito pelo contrário, trata-se de enriquecer o saber, de mostrar que um conhecimento digno deste nome só pode estar organicamente ligado ao objeto que é seu (Maffesoli, 2008, p. 176).

Os viajantes no estado do rio grande do sul.

O estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente a cidade de Porto Alegre, foi o destino de muitos viajantes que por motivos diversos – científico, comercial, militar, por simples curiosidade – a percorreram ao longo do tempo e contaram esta experiência de formas variadas.

O primeiro destes de que se têm notícias e que deixou registros de sua passagem pelo então porto de Viamão foi, segundo Filho e Franco (2004, p. 7) “provavelmente em 1753, o Sargento-mór Luiz Manoel de Azevedo Carneiro e Cunha, que escreveu uma *Memória* relatando suas atividades na logística do exército de Gomes Freire de Andrade”. Posteriormente a esse relato e “depois do laconismo dos primeiros cronistas [ao longo da segunda metade do século XVIII], a partir de 1800 fizeram-se numerosos e variados relatos de viajantes” (Franco; Filho, 2004, p. 8). A partir do século XIX os relatos sobre esse lugar começam a ser mais freqüentes. Argumentam os autores supracitados – que se dedicaram a compilar depoimentos de estrangeiros sobre Porto Alegre – que:

[...] o Rio Grande do Sul foi, desde sua ocupação inicial pelos europeus, espaço de trânsito para os países platinos e andinos, pólo de atração para imigrantes europeus, espaço e área de deslocamento de militares e funcionários em serviço. Isto, naturalmente, tornou nosso Estado um foco de movimentações de forasteiros curiosos, que nos legaram diários, memórias e reportagens (Franco; Filho, 2004, p. 7).

Filho e Franco (2004, p. 7), sobre os viajantes estrangeiros, apontam que “como tais fontes foram tardiamente valorizadas, ainda é pequeno o número de publicações que tenham recolhido e organizado essa visão do forasteiro e do

viajante”. Se pouco recolhidos e organizados o que dizer da utilização como fonte de pesquisa sobre as cidades? Como estes informantes – os viajantes estrangeiros que registraram impressões sobre as cidades que percorreram – se colocam frente ao campo das pesquisas urbanas? Será que as descrições contidas nestes relatos são fontes relevantes para a pesquisa urbanas? Com que frequência são utilizadas?

Buscamos responder a esta questão em âmbito local. A análise da produção de importantes pesquisadores do estado do Rio Grande do Sul que aborda a história e as transformações urbanísticas da cidade de Porto Alegre nos leva a crer que há ainda um campo de estudos passível de ser mais explorado e pesquisado. Em geral estes estudiosos não têm citado recorrentemente como fonte – seja ao longo do corpo texto, seja na bibliografia de suporte – os relatos dos viajantes estrangeiros. Tampouco os colocam como material central no debate sobre as características das cidades. Os pesquisadores baseiam-se com mais frequência na cartografia histórica, em imagens e em dados advindos de documentação oficial, como atas municipais ou mapas históricos por exemplo. Para identificar esta situação tratemos das obras de Francisco Riopardense de Macedo, Célia Ferraz de Souza e Günter Weimer.

O engenheiro e urbanista Francisco Riopardense de Macedo (1993, p. 12) afirma, sobre as circunstâncias de transformações da cidade, que “para entendê-las e explicá-las são necessários documentos e o habilidoso cruzamento deles”. Para ele “não serve o simples testemunho dos memorialistas nem a acumulação de achados humorísticos, que desopilam quase sempre, mas poucas vezes contribuem para eliminar dúvidas” (Macedo, 1993, p. 13). Deixa claro que faz distinção entre fontes mais ou menos dignas, hierarquiza-as quanto à importância e valor – documentos são importantes, testemunhos e memórias não. Apesar disto não deixa de trazer informações colhidas de três viajantes estrangeiros – Saint-Hilaire, Dreys e Isabelle – que estiveram na cidade no século XIX para que contribuam com sua escrita sobre a cidade. Todavia importa saber em que medida estes contribuem. Em seu livro *Porto Alegre: origens e crescimento* (1999), publicado pela primeira vez em 1968, cita como fontes de sua obra pesquisadores que tomaram a história e o desenvolvimento de Porto Alegre como objeto de estudo, documentos oficiais (como por exemplo, atas do poder legislativo) e a cartografia antiga, que ele avalia com cuidadosa atenção. Utiliza também algumas informações vindas de descrições de viajantes e exploradores, como Gabriel Soares de Souza, Auguste Saint-Hilaire, Arsène Isabelle, Nicolau Dreys, mas sempre no sentido de ilustrar alguma assertiva por ele realizada ou como curiosidade que traz impressões pessoais.

Eles compõem de forma subsidiária, secundária, nunca como fonte central. Na obra *Porto Alegre: história e vida da cidade* (1973) traz uma rápida anotação de Nicolau Dreys ao tratar das praças Montevideu e 15 de Novembro. Baseia seu estudo fundamentalmente em leis, decretos, atas da Câmara, fotos antigas, mapas. Em seu *Porto Alegre: aspectos culturais* (1982) utiliza como fontes de pesquisa as atas da Câmara Municipal, a cartografia histórica, notícias de periódicos, leis, entre outras. Não faz nenhuma referência aos textos dos viajantes estrangeiros que estiveram em Porto Alegre nos momentos históricos que aborda. Sua obra *História de Porto Alegre* (1993) traz brevíssimas impressões de Saint-Hilaire sobre a vida social e a paisagem urbana de Porto Alegre.

Noutro momento, distanciado deste, apresenta algumas poucas observações de Nicolau Dreys e, por fim, algumas poucas informações do texto de Arsène Isabelle. Não há articulação entre estes autores, tampouco a observação sistemática de suas anotações de viagem. Não desconhece os viajantes, mas dá a eles importância menor do que as outras fontes.

A obra realizada por Célia Ferraz de Souza, *Contrates Regionais e Formações Urbanas* (2000), que discute o processo de ocupação e urbanização do estado do Rio Grande do Sul traz na bibliografia a referência ao texto do austríaco Joseph Hormeyer, que publicou obra sobre sua passagem em 1850 pelo estado do Rio Grande do Sul, e ao alemão Herrmann Rudolf Wendroth, que fez pinturas da cidade de Porto Alegre em 1852. Todavia o faz sem maior repercussão e aprofundamento de análise dos seus conteúdos. Outro texto desta autora intitulado, *A Rua da Praia no imaginário social de Porto Alegre* (1993), apresenta a contribuição de alguns viajantes estrangeiros na compreensão das transformações ao longo do tempo das características desta rua. São destacados trechos dos textos de Saint-Hilaire, Arsène Isabelle e Joseph Hormeyer. Uns contribuem com a explicitação de aspectos físicos, outros revelam as práticas sociais que nela ocorrem. No entanto o cruzamento entre estas percepções não é direto, as comparações não são tão marcantes e o trabalho, por restrição de foco, não avalia a possibilidade de ampliação deste tipo de estudo utilizando estas fontes para outros espaços da cidade – praças, parques, outras ruas, edifícios – ou outros aspectos dela – serviços de infra-estrutura urbana, edifícios e espaços públicos. No artigo denominado *O sentido das palavras nas ruas da cidade* (1999), também de Souza, são selecionados alguns fragmentos dos escritos de Saint-Hilaire e Arsène Isabelle. Neste trabalho onde ela analisa o nome das ruas da capital do Rio Grande do Sul e estuda os códigos e as referências através dos quais a população identifica os logradouros públicos, as anotações dos viajantes aparecem rapidamente para demonstrar a anciandade das denominações de certas ruas e espaços. Estes estudos perpassam as impressões de poucos viajantes utilizando-as de forma assessoria, sem aprofundar-se sobre elas, sem cruzá-las entre si de maneira mais sistemática e sem ampliar a abrangência de aspectos que eles podem abarcar.

Outro pesquisador, Günter Weimer, em seu livro *Origem e Evolução das Cidades Rio-Grandenses* (2004), ao tratar da formação e desenvolvimento da cidade de Porto Alegre, utiliza muito pouco dos relatos escritos dos viajantes estrangeiros na bibliografia de suporte à sua obra. Isto nos faz supor que o autor não tenha julgado que estas impressões sejam fontes realmente imprescindíveis. Weimer cita as gravuras de Herrmann Rudolf Wendroth para descrever a ocupação das faces norte e sul da península onde está situado hoje o centro histórico da cidade. Utiliza-se, por outro lado, de relatórios, decretos, além de outros estudos sobre a capital gaúcha como fontes para sua pesquisa. Em artigo que debate a origem do traçado urbano de Porto Alegre (1997) Weimer discute autores e utiliza as imagens de Wendroth para apresentar o tema e tirar suas conclusões. Novamente os viajantes estrangeiros e seus diários não aparecem em nenhuma das linhas deste seu texto.

A leitura dos textos destes pesquisadores tratados anteriormente – Macedo, Souza e Weimer – que se propõem a compreender a cidade de Porto Alegre em suas transformações urbanas nos leva a crer que existe ainda um campo de pesquisa passível de ser explorado: o da utilização dos relatos e descrições realizados por viajantes contidos em seus diários como fonte central

da pesquisa urbana, particularmente da cidade de Porto Alegre, colhendo organizadamente e de forma dirigida aspectos urbanísticos variados e cruzando as impressões destes sujeitos no tempo.

Cabe ainda justificar o recorte temporal. Adotamos para o presente estudo um período mais restrito dentro do século XIX, o lapso de tempo entre os anos de 1820 e 1890. Este período é o que Souza e Muller (2007) definem como o terceiro período, o da Imigração, dentro das cinco fases da periodização por elas adotada relativas à evolução urbana da cidade de Porto Alegre². Este período é quase coincidente com o do período Imperial Brasileiro. É um momento em que Porto Alegre, findado o período colonial, estabelece-se como núcleo mais estruturado do que os dois anos do início da ocupação e fixação no território. Momento em que a cidade consolida suas características de entreposto comercial e porto de escoamento da produção regional com o estabelecimento das colônias de imigrantes alemães, vindos a partir de 1824, e italianos, vindos a partir de 1875. Este período é ainda anterior ao processo de aceleração da modernização do país e da cidade, advinda com a república, momento em que as modificações passam a acontecer de maneira acelerada, em especial com os grandes planos de modernização e embelezamento como, por exemplo, no caso da cidade de Porto Alegre, o plano de melhoramentos de 1914. É um lapso de tempo em que ocorrem transformações significativas na cidade no que tange a formação de sua estrutura urbana, mas que não se desenrolam de forma tão acelerada quanto às do século XX.

Os viajantes estrangeiros, fontes deste trabalho para a coleta de informações sobre os equipamentos e espaços públicos de Porto Alegre, foram eleitos da seguinte forma. Após uma leitura prévia dos relatos destes viajantes-informantes disponíveis³ foram selecionados os que responderam melhor aos seguintes critérios: dispersão dos viajantes por todos os 70 anos do período da Imigração com saltos de tempo mais ou menos regulares para que tanto as características urbanas quanto suas transformações sejam apreendidas de forma contínua; atenção e abrangência dada pelas fontes às características urbanísticas da cidade de Porto Alegre que são foco do trabalho; extensão e profundidade das descrições relativas às características urbanísticas da cidade de Porto Alegre que são foco do trabalho.

Sendo assim, tendo analisado o conjunto de viajantes estrangeiros que estiveram em Porto Alegre naquele período de tempo foram selecionados como informantes os seguintes seis: Auguste Saint-Hilaire, francês, naturalista e botânico que esteve em Porto Alegre nos anos de 1820 e 1821; Arsène Isabelle, francês, comerciante, que esteve em 1834; Robert Avé-Lallement, médico alemão, na cidade em 1858; Oscar Canstatt, alemão que no Brasil trabalhou para o governo Imperial no campo da agronomia e esteve na cidade em 1869/70;

² A definição das cinco fases da periodização, segundo as autoras, “obedeceu a critérios de definição, como a relação entre população e funções”, e elas são as seguintes: primeiro período – Ocupação do território, de 1680 a 1772; segundo período – Trigo, de 1772 a 1820; terceiro período – da Imigração, de 1820 a 1890; quarto período – da Industrialização, de 1890 a 1945; e quinto período – da Metropolização, de 1945 aos nossos dias (Souza & Muller, 2007, p.11).

³ A obra de Filho e Franco, *Os viajantes olham Porto Alegre* (2004), presta contribuição fundamental a esta pesquisa por selecionar e agrupar os momentos em que dezenas de viajantes estrangeiros do século XIX se referem à cidade. Este trabalho de reunião dos trechos dispersos foi usado numa aproximação preliminar a estes relatos. Isto reduziu enormemente nosso trabalho de busca e seleção, o que poderia ser por demais exaustivo e talvez incompleto dada a quantidade e heterogeneidade de relatos existentes nas mais diversas línguas.

Wilhelm Breitenbach, professor e jornalista alemão, em 1880/83; e Moritz Schanz, comerciante alemão, em 1890.

Os aspectos buscados nos textos destes estrangeiros serão, como já foi dito, os relativos aos equipamentos e espaços públicos, mais especificamente anotações relativas a: 1- Hospitais; 2- Instituições de ensino; 3- Templos religiosos; 4- Cais e alfândega; 5- Quartéis e outros de cunho militar; 6- Teatros; 7- Cemitério; 8- Presídio; 9- Mercado; 10- Edifícios administrativos; 11- Esporte e Lazer; 12- Praças e Parques.

De maneira resumida podemos dizer que como procedimento, realizamos uma leitura dirigida das descrições da cidade de Porto Alegre contidas nos diários de viagem extraíndo deles dados relativos às categorias elencadas e definidas anteriormente. Posteriormente realizamos análise reflexiva dos dados elencados para compreender o que cada viajante em particular revela sobre a cidade pela qual passou em seu momento temporal específico. E, finalmente, empreendemos o cruzamento entre os dados coletados de todos os viajantes estrangeiros em cada categoria analítica elencada para construir um quadro comparativo e complementar das transformações pelas quais passou a cidade de Porto Alegre ao longo do período em seus equipamentos e espaços públicos. Desta forma pretendemos compreender, através deste olhar peculiar, o dos viajantes estrangeiros, o processo de urbanização de Porto Alegre.

Muitos dos aspectos que os viajantes deixam de abordar são de suma relevância para o processo de urbanização da cidade, das transformações de suas características físicas. No entanto, ao colocarmos no centro do debate as descrições destes estrangeiros, focalizaremos o que toca especialmente estes sujeitos. Desta forma, este artigo não tem a pretensão de esgotar o assunto relativo às transformações dos espaços públicos e implementação de equipamentos de uso público na cidade. Limita-se assim a um dos aspectos da cidade a partir de um tipo dos tipos de registro do passado.

As Impressões Dos Viajantes

Auguste Saint Hilaire

Augustin François Cesar Provençal de Saint-Hilaire, francês nascido em Orleans em 1779, naturalista e botânico, chegou ao Brasil em 1816, na comitiva do Conde de Luxemburgo (Belluzzo, 1994) quando o Brasil ainda era colônia portuguesa e quando a cidade se estabelecia de maneira mais importante como entreposto comercial regional.

Fez extensas incursões pelo país percorrendo os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul além do Uruguai (Belluzzo, 1994). Ele entra no atual estado do Rio Grande do Sul no dia cinco de junho de 1820. Vinha percorrendo nos dias anteriores o litoral do que hoje conhecemos como o estado de Santa Catarina. Passa por Porto Alegre em duas temporadas. A primeira no inverno de 1820, entre os meses de junho e de julho e, a segunda, no outono-inverno do ano de 1821, entre meses de maio e julho.

Em relação aos equipamentos e espaços públicos extraímos de seu diário, anotações a respeito dos hospitais, templos religiosos, edifícios públicos, dentre outros que serão apresentados. Ao fazer alusão à futura Santa Casa de Misericórdia afirma que

Fora da cidade, sobre um dos pontos mais altos da colina onde ela se desenvolve, iniciou-se a construção de um hospital cujas proporções são tamanhas que talvez não seja terminado tão cedo. Mas sua posição foi escolhida com rara felicidade, ficando perfeitamente arejado, bastante distanciado da cidade para evitar contágios e ao mesmo tempo próximo quanto às facilidades de suprimento médico e farmacêutico (Filho - Franco, 2004, p. 44)⁴.

A descrição da posição da Santa Casa ainda em construção sugere duas questões. A primeira é que, em contraposição ao fora da cidade onde o hospital estava sendo construído, o dentro da cidade, ou seu limite, ou o espaço de sua intensa vida, não chegava perto das obras da Santa Casa já que esta estava, segundo o naturalista, bastante distanciada. A outra é a possível motivação da escolha da localização do futuro hospital, fora da cidade – afastando os doentes dos sãos, evitando contágios pelo ar que se renova constantemente em lugar alto – que deveria ter relação com as noções de saúde da época.

No lado oposto ao da Santa Casa, já na ponta da península, “na extremidade da Rua da Praia existem dois prédios, vizinhos, servindo de armazéns para a marinha, de depósito de armas, e onde se instalou, para as necessidades das tropas, oficina de armeiro, seleiro e carreiro” (*ivi*, p. 43). A ponta da península era usada então como espaço militar. Mais adiante há a descrição desses prédios. Segundo ele “do lado do lago, onde esses prédios têm a fachada, cada um apresenta uma espécie de apartamento alongado, de rés-do-chão, na extremidade do qual há um pavilhão de um andar” (*ivi*, p. 43-44).

Enquanto aos templos religiosos o francês aponta que “além da igreja paroquial existem mais duas outras ainda não terminadas. Numa, contudo, já celebram missa, enquanto a outra, ainda não coberta, tem sua construção paralisada” (*ivi*, p. 43). A construída é a da Matriz e as duas em construção são a das Dores e a Nossa Senhora do Rosário. Estendendo sua análise à posição da Igreja das Dores anota que “entre os dois edifícios [de cunho militar da ponta da península] há um espaço considerável, correspondendo, em um plano mais elevado, à Igreja das Dores, uma das duas retrocitadas” (*ivi*, p. 43-44). Ao avaliar o espaço defronte à igreja das Dores escreve que

Em frente da igreja, além dos armazéns e portanto próximo ao lago, vê-se uma coluna encabeçada por um globo, indicando que a cidade é a sede de uma comarca. Diante dela construiu-se um dique de pedra destinado a servir de cais para os 2 armazéns. Esse conjunto teria um belo efeito se a igreja estivesse pronta, se o terreno existente entre ela e os dois armazéns tivesse sido nivelado, e se estes, embora construídos sob a mesma planta, não apresentassem diferenças tão chocantes (*ivi*, p. 44).

⁴ A obra de Filho e Franco, *Os viajantes Olham Porto Alegre: 1754-1890* (2004) traz os trechos completos dos relatos dos viajantes estrangeiros sobre Porto Alegre. Foram analisadas as obras originais traduzidas, mas fizemos a opção por citar exclusivamente a compilação realizada por Filho e Franco aqui, pois ela é apenas a reunião dos textos dos viajantes. Ao citá-los não estamos fazendo uma citação indireta. Por outro lado, no caso de algum pesquisador se interessar em refazer alguns passos desta pesquisa para dá-la validade ou fazer avançar o conhecimento acerca do tema, terá que ter em mãos apenas uma obra, que em si é completa e abrangente, e não um número grande de obras que trarão rigorosamente os mesmos trechos sobre as descrições de Porto Alegre. Desta forma temos convicção de que esta opção não traz nenhum prejuízo ao trabalho.

É uma descrição que demonstra preocupação com a aparência do conjunto de prédio inacabado, esplanada desnivelada e diferenças chocantes entre as edificações. Mais adiante comenta que neste trecho da cidade próximo à ponta da península

[...] haviam começado um cais destinado ao arsenal, defronte da Igreja das Dores. Também iniciado sob o governo do Conde de Figueira foi interrompido após sua partida. Aliás tinha o grande defeito de não ser colocado em esquadro com a igreja; mas não era só – por uma economia absurda estava sendo construído com barro e pedras; as águas já estragaram muito e, em breve, nada mais haverá (*ivi*, p. 47).

Essa passagem reafirma sua percepção estética da falta de relação entre as partes construídas, o que possivelmente sugere projeto que não atentou ao contexto e ao conjunto ou, até, a falta de projeto. Por outro lado esta percepção não viria de um espírito despreparado em avaliar nuances projetuais próprias da linguagem clássica e barroca do projeto de espaços da cidade⁵ como a simetria criada entre prédios semelhantes posicionados nas faces da praça, a força que a edificação ganha ao posicionar-se no ponto focal do conjunto, a importância estética da relação entre pólos do eixo formado pela perspectiva marcada. A preocupação se estende ainda à relação incompatível entre materiais utilizados para a construção e local de construção – a beira d’água.

Sobre o cais e a alfândega indica que,

Quase na metade dessa rua [a rua da Praia] existe um grande cais dirigido para o lago, e ao qual se vai por uma ponte de madeira de cerca de cem passos de comprimento, guarnecida de parapeitos e mantida sobre pilares de alvenaria. As mercadorias que aí se descarregam são recebidas na extremidade dessa ponte, sob um armazém de 23 passos de largura por 30 de comprimento, construído sobre 8 pilastras de pedra em que se apóiam outras de madeira. A vista desses cais seria de lindo efeito para a cidade se não houvesse sido prejudicada pela construção de um edifício pesado e feio, à entrada da ponte, de 40 passos de comprimento, destinado à alfândega (*ivi*, p. 42).

A opinião que emite sobre a relação cais e alfândega vai além da descrição geométrica-formal do conjunto situado no meio da Rua da Praia. A relação entre trapiche de madeira, edifício e margem desfavorece esteticamente esse trecho da cidade. A feia e pesada construção obstrui a relação visual entre cais e rio. Um ano após sua primeira passagem pela cidade afirma que o

[...] edifício da Alfândega, de muito mau gosto, [...] foi demolido, tendo sido iniciado o levantamento de outro com melhor projeto. Entretanto, insisto em acreditar que seria melhor, para embelezamento da cidade, não encobrir o cais e formar diante dele uma espécie de praça onde continuassem a realizar a feira” (*ivi*, p. 47).

Apesar de perceber virtudes maiores no edifício novo em construção do que no anterior continua reprovando o agenciamento geral do espaço do cais e alfândega. Além da crítica propõe uma configuração do espaço que

⁵ Sobre a linguagem barroca nos projetos dos espaços urbanos ver Benevolo (2005).

embelezasse a cidade, através de visuais desimpedidas e uma praça para a feira que fosse uma esplanada para o conjunto. Segundo ele os produtos eram comercializados próximo ao cais. Sobre esse mercado e sua vida ele aponta que

É na Rua da Praia, próximo ao cais, que fica o mercado [ou a quitanda]. Nele vendem-se laranjas, amendoim, carne seca, molhos de lenha e de hortaliças, principalmente de couve. Como no Rio de Janeiro os vendedores são negros. Muitos comerciam acorados junto à mercadoria à venda, outros possuem barracas, dispostas desordenadamente no pátio do mercado (*ivi*, p. 44-45).

Sobre os edifícios localizados na posição mais imponente da cidade anota que, sobre a crista da colina “ficam os três principais edifícios da cidade, o Palácio, a Igreja Paroquial e o Palácio da Justiça. São construídos alinhados e voltados, para noroeste” (*ivi*, p. 42). Estes edifícios não apresentam, na opinião do naturalista, caráter monumental⁶. São, pelo contrário, edifícios acanhados e que não acompanham da posição física que ocupam. Escreve ele que “os edifícios existentes no cume da colina não oferecem beleza independente da situação. Pode-se mesmo afirmar que eles não estão em relação com a importância da cidade e a riqueza da Capitania” (*ivi*, p. 43). Após, passa a descrever os edifícios. Segundo suas anotações

O Palácio do Governador não passa de uma casa comum, de um andar e nove sacadas na frente. Mal dividido internamente, não possui uma só peça onde se possa reunir uma sociedade numerosa como a de Porto Alegre. O Palácio da Justiça é muito mais mesquinho ainda, térreo. A igreja paroquial, cujo acesso se faz por uma escada, tem duas torres desiguais; é clara, bem ornamentada e tem dois altares além dos que acompanham a capela-mor. Entretanto é muito pequena pois, segundo medi, conta apenas 40 passos da capela-mor à porta. [...] A sede da Câmara não passa de uma casinha térrea, onde dificilmente se instalaria um particular medianamente abastado (*ibidem*, p. 43).

A descrição reforça a idéia de acanhamento geral das edificações que deveriam ser as mais imponentes e suntuosas da cidade. Souza (2008, p.110) tratando das cidades brasileiras chama a atenção que “na análise das estruturas urbanas, verifica-se que se confere sempre um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas onde o urbanismo e a arquitetura traduzem eficazmente, numa linguagem própria, o prestígio que rodeia o poder”. A importância simbólica dos edifícios está caracterizada na posição, mas não na aparência e tamanho das construções.

Diferentemente de algumas Casas de Câmara de outras regiões do Brasil construídas durante o período colonial que tem a cadeia anexada ao seu corpo⁷ Saint-Hilaire nos informa que “aqui a cadeia não faz parte da casa de Câmara, existindo duas muito pequenas, situadas à entrada da cidade” (Filho - Franco, 2004, p. 43). Não faz menção à forma ou qualquer característica das cadeias situadas próximas ao canteiro de obras da futura Santa Casa.

⁶ Monumental para a arquitetura é “edificação grandiosa, extraordinária, magnífica. Arquitetonicamente falando, o termo refere-se mais à essas qualidades do que a tamanho e dimensões. Arquitetura monumental é aquela que atinge uma importante função numa grandiosa beleza” (Corona - Lemos, 1989, p. 326).

⁷ Casos clássicos de edifícios Câmara e Cadeia são os das cidades mineiras de Mariana e Ouro Preto.

Faz alusão também à praça no topo da colina dizendo que

Na outra face da rua [do cume da colina onde ficam os edifícios mais importantes da cidade], em frente, não existem edifícios, mas tão somente um muro de arrimo, a fim de que não seja prejudicada a linda vista daí descortinável. Abaixo desse muro, sobre o declive da colina, existe uma praça, infelizmente muito irregular, cujo aterro é mantido por pedras soltas sobre o solo, formando tabuleiros dispostos em losango (*ivi*, p. 42).

Os edifícios que ele se refere anteriormente estão então em algo como uma plataforma regularizada por esse muro de arrimo e uma praça irregular, mal calçada, nos remete à imagem de um terreiro mal acabado. Ao retornar um ano após a primeira passagem ele descreve novamente a praça: “Logo que o Conde Figueira partiu interromperam-se os trabalhos da praça existente abaixo da Igreja e do Palácio. As enxurradas já rasgaram ravinas e a obra será em breve totalmente perdida, se continuar esquecida” (*ivi*, p. 47). A praça era agora um espaço ainda mais precário.

Não há referência quanto às instituições de ensino, teatros, cemitério. Diz ainda que não há clubes na cidade.

Arsène Isabelle

Louis-Frédéric Arsène Isabelle, francês nascido no Havre em 1807, comerciante, “não foi propriamente, um escritor, mas um amigo de viagens, o qual julgou interessante deixar suas impressões dos lugares por onde tivesse passado” (Isabelle, 1983, p. 105). Ao rumar para a América do Sul em 1830, estabeleceu-se primeiramente em Buenos Aires. Percorre a região platina no início desta década. Este viajante chega ao Rio Grande do Sul no início de novembro de 1833 pelo oeste, tendo subido o Rio Uruguai. Seguiu em direção à Uruguaiana e São Borja. Alcança a cidade de Porto Alegre em 20 de março de 1834. Após visitar a capital e algumas cidades ao seu redor, retorna “à foz do Prata, para fixar-se por muitos anos em Montevideu” (Filho - Franco, 2004, p. 66). Quando chega a Porto Alegre já está em curso a imigração de alemães para o Rio Grande do Sul. Estes criaram núcleos de pequenos proprietários agrícolas em áreas acessíveis através do Rio dos Sinos. Este viajante chega também em período posterior à independência, no início do Império Brasileiro.

Quando faz referência aos equipamentos e espaços públicos escreve que em Porto Alegre há “cinco igrejas, um hospital, uma casa de beneficência, um arsenal, dois quartéis e uma prisão, recentemente construída” (*ivi*, p. 71). Não passa de uma lista rápida e sem nenhum detalhamento sobre aspecto e situação dessas construções. Cabe salientar que Saint-Hilaire falava em três igrejas, uma pronta e duas a concluir. Ao abordar a educação na cidade comenta de passagem as instituições de ensino. Segundo ele

A educação é muito descuidada na província do Rio Grande, e isto se reconhece imediatamente: os moços destinados à advocacia, à medicina e ao sacerdócio, são enviados à universidade de São Paulo. Só havia escolas primárias-elementares em Porto Alegre, quando por ali passei, entretanto, um português da Europa (Sr. Gomes), juntamente com um jovem belga (Sr. Giélis), acabavam de estabelecer uma escola primária superior (*ibidem*).

Ao tratar da existência de um projeto para a construção de um cais faz alusão à intenção de realizarem-se aterros, fazendo a cidade avançar ao Guaíba. O francês afirma que “havia, porém, um projeto para a construção de um cais, com o qual se espera recuar bastante as águas e aumentar, em igual extensão, a área da cidade” (*ivi*, p. 70). Menciona a intenção, mas não a realização. Ao fazer referência à alfândega aponta

À margem do rio, fica situada a alfândega, edifício quadrado, solidamente construído e bem próximo à zona comercial. Da porta que dá para ao rio, parte um trapiche de madeira, levantado sobre pilares de pedra, que se prolonga uns cem passos dentro da água. Na extremidade, há um vasto barracão, junto do qual colocaram-se alguns guindastes. Os navios podem atracar, ali, para carregar e descarregar suas mercadorias (*ivi*, pp. 70-71).

Esta descrição dá detalhes relevantes sobre o aspecto e o agenciamento espacial da construção, além de sua situação.

Sua opinião sobre o teatro da cidade não é simpática. Para Arsène Isabelle “não existia ainda teatro em Porto Alegre, porque não se pode, sem fazer Tália corar, dar esse nome a um velho barracão, meio subterrâneo, em que se representam, de tempos em tempos, comédias burguesas” (*ivi*, p. 72). O juízo que faz é de um ambiente impróprio para a arte dramática. Todavia havia outro em construção – desde 1833 como indicado anteriormente – mas que não recebe elogios quanto a sua localização. Um teatro “que será muito bonito, segundo me disseram. É pena que tenham escolhido o alto da rua (a rua do Ouvidor) que se transforma em uma catarata, nos dias de chuva” (*ibidem*).

Os edifícios administrativos da rua no alto da península não apresentam qualidades artísticas diferenciadas ou dignas de apreço. Seu comentário é de que “a outra [a Rua da Igreja] fica no alto da colina e, nela, estão a casa do governo da Província, a tesouraria e a igreja principal, edifícios que só tem de notável sua extrema simplicidade” (*ivi*, p. 70). Sem discorrer mais longamente acerca das características desses edifícios deixa marcado que não são prédios monumentais. Essa avaliação acompanha a impressão de Saint-Hilaire citada anteriormente. Sua anotação chama a atenção e expõe a contradição entre a importância dos poderes que os edifícios abrigam, o espaço da cidade onde estão implantados e a destoante simplicidade que apresentam. Isabelle ainda cita ter notícias de “outros edifícios públicos em *projeto*, e cogita-se de aproveitar a planície, chamada *Vargem*, edificando-se nela um museu e um jardim botânico” (*ivi*, p. 71).

O autor não faz menção a cemitérios, mercado, esporte e lazer, e diretamente a praças e parque, apesar de referir-se aos edifícios da praça localizada no topo da colina.

Ave-Lallemant

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant, alemão nascido em Lubeck em 1812, médico de formação, sujeito “dotado de espírito irrequieto e aventureiro, [...] fez longas viagens. Visitou vários países da Europa, o Egito e o Brasil, onde se demorou por longo tempo” (Avé-Lallemant, 1980, p. 9). Pouco tempo depois de sua diplomação rumou para sua primeira temporada no Brasil, onde se estabeleceu como médico na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro por dezessete anos. Tendo regressado à sua pátria no início do ano de 1855 não

consegue permanecer ali por muito tempo. Logo embarca novamente, desta vez como médico da fragata austríaca Novara. Em 1857, após longo percurso e após desentendimentos com oficiais de bordo, é dispensado de seu cargo e desembarca mais uma vez no Rio de Janeiro (Filho - Franco, 2004).

Só então realiza seus dois anos de viagem pelo Brasil. Em fevereiro de 1858, este viajante chega à cidade de Porto Alegre depois de ter passado pela cidade de Desterro, na ilha de Santa Catarina, pela cidade de Rio Grande e pela Lagoa dos Patos. Após breve passagem pela capital da Província faz visitas às colônias alemãs próximas à Porto Alegre assim como longas incursões pelo interior.

Este período em que este viajante chega à Porto Alegre é posterior a Guerra dos Farrapos – iniciada em 1835 por conta da revolta de estancieiros produtores de charque com os impostos estabelecidos pela coroa brasileira e termina em 1845 com a Paz do Ponche Verde que concedeu aos farrapos anistia geral, integração dos oficiais farroupilhas ao Exército Brasileiro de acordo com suas patentes, assunção das dívidas da República do Piratini por parte do governo imperial e elevação da taxa alfandegária sobre o charque importado. Neste período a produção do café no vale do Paraíba do sudeste vinha ganhando importância e seria o motor da economia imperial. No Rio Grande do Sul as colônias alemãs ganham cada vez mais importância.

Ao fazer observações sobre os equipamentos e espaços públicos anota que “a melhor das ruas ascendentes conduz a uma grande praça irregular, onde se acham a igreja matriz, o palácio da presidência e um, teatro recentemente construído. Além, para o sul, o pequeno edifício da Assembléia” (*ivi*, 2004, p. 109). São os prédios administrativos, de entretenimento e o religioso, todos em posição privilegiada, no topo da colina, junto à praça. Na opinião de Avé-Lallemant (*ivi*, p. 113) “não há [...] nenhum edifício público grandioso na cidade” apesar de ser “muito bonita a matriz, no alto da cidade, com as suas duas torres”. Já “o palácio do Presidente, ao contrário [do teatro] é simples e velho, mas de interior muito agradável” (*ibidem*). São apresentados em suas referências edifícios simples, sem requintes ou ostentações.

Contrastando com o palácio do Presidente o teatro da capital, terminado em 1858, não é “velho” – logo, se não podemos afirmar que é novo podemos dizer que tem aspecto conservado – e nem “simples” – logo, é de aparência destacada. Mais adiante em seu texto ele faz referências mais precisas em relação ao teatro. Convidado para assistir um espetáculo no teatro conhece “a casa mais esplendida da cidade e sem dúvida vistosa demais para a capital de uma província” (*ibidem*).

Dando mais características deste edifício que destoa positivamente dos administrativos comenta que,

O teatro era moderníssimo: platéia, frisa, camarotes da primeira e camarotes da segunda ordem, nenhum lustre, mas trinta velas, sendo os camarotes abertos, separados apenas por uma grade muito baixa. Tudo me recordava vivamente o Teatro velho da minha querida e mui ilustre cidade natal de Lubeck (*ivi*, p. 111).

Mais uma vez beleza e qualidade comparável ao que existe na Europa. Indo além indica que,

A partir daqui [da praça irregular] seguem duas ruas, uma à direita e outra à esquerda. Uma, no alto, leva ao grande hospital e casa de expostos, ainda não concluído, porém amplo e espaçoso; a outra desce para o rio, a cuja margem se acha a cadeia pública, construída em estilo mais ou menos de castelo forte e, perto dela, um imponente arsenal (*ivi*, p. 109).

Não vai muito além de uma lista com a posição dos equipamentos públicos. Autores como Souza e Muller (1997) e Franco (1998) fazem alusão à construção da cadeia da ponta da península, mas não indicam esse caráter assemelhado ao de um castelo forte de que fala o viajante.

Mais à frente, ao comentar os espaços de saúde da cidade, escreve que “está metade por acabar a chamada Caridade, instituição de fins beneficentes, casa-de-expostos, hospital, etc., cuja frequência hospitalar não é considerável, levando-se em conta que Porto Alegre é a capital de uma grande província” (*ivi*, p. 113). Em relação aos templos religiosos nos traz poucas informações, afirmando apenas que “as igrejas são pequenas” (*ibidem*) além da referência já feita à Igreja da Matriz. Chama sua atenção a falta de Igreja Evangélica. Escreve que “não consegui penetrar nas condições de vida dos alemães e não posso dizer com certeza se os meios de fortuna dos indivíduos permitem fornecer recursos para a organização e custeio de uma associação religiosa e o sustento do pastor” (*ivi*, p. 112). Apesar da população alemã na cidade não havia templo dirigido à sua tradição de fé.

Em seu texto não há menção ao cais e alfândega, ao cemitério, à mercados, instituições de ensino e lugares de esporte e lazer.

Oscar Canstatt

O viajante Emil Arthur Oscar Canstatt, nascido em Ansbach na Baviera (Alemanha) em 1842, está no Brasil durante o período da Guerra do Paraguai. Aqui trabalha para o governo Imperial na Comissão Imperial de Agricultura como técnico no campo da agronomia. Chega ao Brasil em 1868 pisando primeiramente em Pernambuco. Após ter visitado a cidade de Rio Grande vai pela Lagoa dos Patos até Porto Alegre. Tendo conhecido esta capital faz uma incursão pelo interior visitando as colônias germânicas do Rio Grande do Sul e outras ao longo do rio Jacuí. Retorna à sua pátria em 1871 e em 1877 publica sua obra sobre o país – *Brasil: terra e gente, 1871* (Canstatt, 2002).

Quando se refere aos equipamentos e espaços públicos em Porto Alegre faz, a princípio, uma lista deles. “O mercado, um edifício de verdadeira beleza arquitetônica, o teatro, o arsenal de guerra, o seminário, as fontes artísticas, alguns hospitais e muitas outras construções ficariam bem em qualquer cidade européia” (Filho - Franco, 2004, p. 154). São os imponentes edifícios de Porto Alegre, comparáveis aos das cidades européias.

Ao tratar mais especificamente dos hospitais comenta que “o hospital geral, a que já me referi, está instalado numa escala extraordinariamente alta e nele são tratados para mais de mil doentes anualmente” (*ivi*, p. 156). Após indicar sua posição faz detalhada descrição arquitetônica do hospital. Segundo ele,

O edifício é quadrangular, e os corredores, cobertos semelhantes a claustros, rodeiam um grande pátio plantado de laranjeiras. As enfermarias são grandes, arejadas e instaladas inteiramente ao modo europeu. À direita da entrada do

imponente edifício fica a farmácia e a esquerda os consultórios para os médicos (*ivi*, p. 157).

A tranqüilidade do espaço de saúde era interrompida freqüentemente. O autor afirma que,

Todos os anos no dia de Ano Bom o hospital é franqueado para visita do público. Um arranjo que para muitos doentes é desagradável e perturbador. Parece mais inconveniente ainda terem colocado próximo a esse nosocômio o Quartel General da Guarda Nacional que sem a menor consideração perturba sem necessidade muitas vezes durante o dia com o rufar de tambores o sossego necessário aos doentes (*ibidem*).

Continuando sua descrição aponta que,

O manicômio também instalado neste hospital é muito imperfeito, obedecendo até os menores detalhes a princípios antiquados. Ao lado da igreja pertencente ao hospital existe uma espécie de jardim, cercado por um muro, para cujo cultivo e tratamento nada se faz, pelo que esse terreno inculto tem um aspecto desolador. [...] Anexo ao hospital há também um asilo de expostos (*ibidem*).

Sobre as instituições de ensino dirige seu olhar principalmente às alemãs ou voltadas ao ensino de alemães. Entende que o ensino na cidade não é adequado. Conforme aponta a seguir,

A cidade tem muitas escolas e instituições de instrução secundária nas quais não se provê muito especialmente para os numerosos alemães. A educação dos filhos é, por isso, em regra, motivo para os nossos compatriotas voltarem para a Europa. Tudo o que se aprende nas escolas brasileiras é incompleto. O ensino de trabalhos manuais às meninas é ainda o mais tolerável (*ibidem*).

Não apresenta nenhuma descrição ou localização de edificações voltadas ao ensino. Oferece somente informações vinculadas à qualidade do ensino. Das instituições de ensino secundário que conhece as “mais dignas de menção em Porto Alegre são o Seminário episcopal e o Liceu. Ultimamente têm sido fundadas algumas escolas secundárias particulares por alemães, das quais se fala muito bem” (*ibidem*).

Sobre os templos religiosos, além da “igreja pertencente ao hospital” (*ibidem*) o autor anota que “muito simples, ao contrário, numa rua lateral a pequena igreja protestante, em cujo frontão só a cruz indica seu fim” (*ivi*, p. 155). Ao contrário do viajante anterior, Avé-Lallemant, este já faz referência à igreja protestante encontrada na cidade.

Para Canstatt a alfândega é “uma feia espécie de palheiro” (*ibidem*), o mercado é “um edifício de verdadeira beleza arquitetônica” (*ivi*, p. 154), a cadeia “é também digna de menção [...], situada na extremidade mais avançada da península” (*ibidem*), o Palácio do Governo é “um edifício modesto dum só andar” (*ibidem*) e o teatro é “não sem importância para as condições do Brasil” (*ibidem*). São seus julgamentos em relação à importância e beleza destas edificações no contexto geral da cidade.

Os ambientes de lazer e encontro com os quais teve contato foram as agremiações e clubes onde eram comuns as conversas, os jogos e as danças. Em suas palavras,

A sociedade alemã divide-se em muitas agremiações, entre as quais, durante minha permanência em Porto Alegre o Clube e a Germânia eram as principais. Nem num, nem noutra, se interessavam por assuntos intelectuais de maior relevo, e as distrações limitavam-se principalmente ao jogo de carta, bilhar e da dança a uma temperatura de 20 a 30 graus Réaumur. As conversas, diante da cerveja, a que uma parte dos comerciantes amantes do jogo de cartas e da dança se entregava, careciam de substância (*ivi*, p. 156).

Segundo indica Canstatt “o ponto principal da cidade é a Praça D. Pedro II, onde ficam o Palácio do Governo, um edifício modesto dum só andar, a Catedral (Sé), a Municipalidade, o Salão de Baile (que não se deve confundir com outros fins, só servindo lá para bailes), e o Teatro” (*ivi*, p. 154). Sua avaliação é de que a cidade de Porto Alegre “é ricamente dotada de praças públicas” (*ivi*, p. 155).

Mais adiante mencionando a planície logo após a cidade indica que existe,

[...] muito perto da cidade um grande campo, a Várzea, que serve de picadeiro e pastagem para cavalos e bovinos. Uma larga escadaria fechando uma estrada, leva a um prado um pouco mais baixo donde se goza um desses belos panoramas de que Porto Alegre é tão rico (*ibidem*).

Pelos seus comentários é o espaço dos tropeiros. Suas anotações a respeito deste ambiente continuam.

Quase todos os dias a Várzea oferece um espetáculo diferente. Um dia são grandes manadas de cavalos selvagens, e gado bravo, que vieram do alo da serra para serem vendidos em Porto Alegre, guardados por tropeiros saltando dum lado para outro nos seus feios cavalos, e noutra dia carreiros acampados debaixo de seus carros tomam o seu lugar. Uma grande fogueira, por cima da qual ferve o caldeirão para a indefectível feijoada de feijão preto com charque, e em circulo ao redor dela as caras escuras de alguns homens indolentes, porém fortes, condizem perfeitamente com o cenário exótico que o espectador encontra aí. Cavaleiros de carreira utilizam também muitas vezes as amplas arenas para suas corridas. Chegada a noite a campina fica deserta e uma espécie de hálito espalha-se melancolicamente sobre ela como uma névoa até perder-se no infinito (*ivi*, p. 155-156).

Parece que este lugar de estadia rápida, onde os homens fazem suas refeições, trabalham e podem ainda assistir corridas nas arenas chamou especialmente a atenção deste viajante. Dirigiu um longo trecho de seu a ele, esforçando-se em descrevê-lo de forma romanceada. Pouco a pouco a Várzea, em outros viajantes inexistente, vai fazendo parte da cidade.

O autor não registra qualquer informação em relação a cemitérios.

Wilhelm Breitenbach

O viajante Wilhelm Breitenbach, nascido em 1856 em Unna, Alemanha, chegou ao Brasil em 1880. No Rio Grande do Sul atuou como professor e como

jornalista contribuindo em jornais alemães até o ano de 1883. Amand Goegg – alemão que também esteve em Porto Alegre na década de 1880 – anota tê-lo conhecido. Em suas palavras, um “jovem pesquisador naturalista” (*ivi*, p. 176). Filho e Franco (2004) indicam que Breitenbach era inclinado às ciências naturais e que publicou ensaios sobre zoologia, etnologia e o ensino dirigido aos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Breitenbach passa por Porto Alegre durante o período do Segundo Reinado. É desse período histórico brasileiro o nascimento do movimento republicano, os atritos do governo imperial com o Exército e a Igreja, além do desgaste na relação entre Estado e suas bases sociais de apoio a partir das divergências na forma de encaminhar o problema da escravidão. No Rio Grande do Sul inicia-se outro fluxo migratório a partir de 1875, o da imigração italiana. Eles chegam à região do Rio Grande do Sul em desvantagem em comparação aos alemães que já estavam estabelecidos há 50 anos e ocuparam a base da serra.

Ao referir-se aos equipamentos e espaços públicos este autor dá informações sucintas sobre o hospital. Indica que “não longe do presídio, ergue-se o hospital brasileiro, onde, ao mesmo tempo, se encontra uma instalação para banhos” (*ivi*, p. 183-184). Em nota Filho e Franco (2004) esclarecem que esta é uma referência à extinta “Beneficência Brasileira”, que existiu no Alto da Bronze. Sobre as instituições de ensino Breitenbach (*ivi*, p. 184) escreve que “mais longe, nesta rua [nas costas da elevação], notamos a Coletoria, a Escola Normal, isto é, um seminário e, na ponta contrária, encontramos um quartel. No referido seminário, estão empregados diversos professores alemães, lá também está situada a Biblioteca Pública”. Adiante comenta que “logo depois da Várzea, ergue-se uma enorme construção quadrada; é o novo quartel, onde funcionam a Escola de Guerra e a Escola de Cadetes, anteriormente, essas estavam instaladas em outros locais” (*ibidem*). Logo após afirma que “junto aos mesmos [os dois edifícios do Arsenal separados pela rua dos Andradas], há um colégio para órfãos, os quais são instruídos por sub-oficiais” (*ibidem*) e que “colégios públicos e escola normal, a cidade não possui; todas as demais escolas são compostas por salas unitárias, as quais estão espalhadas pelos mais variados locais da cidade e são alugadas em casas de proprietários particulares” (*ibidem*). Algo difícil de compreender é a contradição entre trechos do texto do alemão, quando afirma existir uma Escola Normal na cidade para posteriormente desmentir a afirmação.

Sobre os templos religiosos aponta que,

A cidade possui cerca de 10 igrejas, dentre elas, duas alemãs, sendo uma luterana e uma católica. Como templos valiosos para a cidade, devemos mencionar ainda, a capela do Menino Deus e outra, a dos Navegantes, por serem pontos de atração para onde convergem pomposas festas de igreja e procissões aquáticas (*ibidem*).

Faz referência ainda à Catedral “e atrás dela, descendo o declive, o enorme Seminário Clerical” (*ivi*, p. 183). Todavia não avança muito nas descrições. Não dá detalhes nem é preciso sobre as impressões que essas obras o deixaram.

O cais onde o navio que o levava à Porto Alegre aportou é, em suas anotações, “um largo trapiche, que nos permitiu, sem dificuldade, ir diretamente do navio para a terra” (*ivi*, p. 179) e a Alfândega não passa de

[...] um velho casarão que não faz justiça à nova e vibrante cidade comercial. Trata-se de um miserável barracão, caso a confrontemos com a soberba, apesar de inconcluída, porém bela construção que é a Alfândega de Rio Grande, grande o suficiente para uma cidade de comércio mundial. Antes de chegarmos ao departamento alfandegário, cruzamos uma rua, a General Câmara (*ivi*, p. 182).

Ao referir-se ao prédio da Alfândega na antiga Praça da Quitanda, Franco (1998, p. 25) descreve-o como “um sólido prédio térreo que se defrontava com o rio no alinhamento da atual Rua 7 de Setembro”. A imprecisão do adjetivo ‘sólido’ deixa em aberto uma descrição mais detalhada do edifício. Recorrendo aos adjetivos ‘velho’ e ‘miserável’ o viajante traz impressão diversa à solidez apontada por Franco.

Acerca de edificações de cunho militar o autor se refere ao “majestoso arsenal, atrás do qual existe outro grande espaço vazio que, de imediato, termina dentro da água” (*ibidem*). Vizinho a ele, “na proximidade desse arsenal” (*ibidem*), está a cadeia, “na parte mais externa do fim da península que forma a cidade” (*ivi*, p. 183). Segundo Breitenbach (*ivi*, p. 179) “justamente na ponta mais avançada, existe um enorme prédio, de aspecto sombrio, que para o lado da terra é circundado por um muro alto; é a cadeia ou prisão, uma das melhores construções da cidade”. Fica explícita sua percepção de discrepância de caráter⁸ entre os aspectos formais-estéticos do prédio e sua finalidade.

A descrição que Breitenbach faz do Mercado é primorosa. Demora-se no relato sobre o local indo desde sua localização, descrição arquitetônica, suas lojas e produtos à venda.

Logo à esquerda do porto de desembarque, situa-se o Mercado, a cerca do qual precisamos nos deter, visto oferecer bastante interesse. O estabelecimento é um tanto diferente, mas muito prático. O Mercado é uma enorme construção quadrilateral, uma seqüência de pequenas lojas unidas entre si, e com um grande pátio interno, para circulação. Neste grande prédio que, com exceção das quatro torres esquinadas, de dois andares, é uma construção de um andar somente, encontramos lojas para venda de artigos diversos, botequins para marinheiros, instalações de alemães que servem cerveja, estas em melhor estado, açougues, pequenos matadouros, funilarias, produtos manufaturados, cigarrarias e tabacarias, em suma, tudo o que se possa imaginar, oferecem um aspecto multicolorido. A instalação, cujos lados medem 70 – 80 passos, pertence à municipalidade, que, por meio do aluguel das lojas e do pátio interno, efetua um bom e profícuo negócio. O pátio interno é calçado com grandes lajotas de pedra e, em torno da construção, por dentro, corre uma galeria coberta e inúmeras casuarinas, já adultas, fornecem sombra muito desejada contra os fortes raios solares. O pátio é ocupado de maneira compacta pelas bancas dos vendedores; são simples, todavia bonitas; são atendidas, principalmente, por portugueses, italianos e negras que oferecem diversificados produtos da terra,

⁸ Segundo o Dicionário da Arquitetura Brasileira de Corona e Lemos (1989, p. 109) caráter é, em arquitetura, a “expressão peculiar do edifício que dá ao observador noção imediata da finalidade da obra arquitetônica”.

frutas, verduras, flores, além de aves e outras coisas, que permanecem expostas (*ibidem*).

Diferentemente do que faz a respeito de outras edificações o autor dá aqui uma descrição detalhada do mercado, tratando do agenciamento de seus espaços em planta baixa e da distribuição interna das atividades, de aspectos formais, usos, produtos oferecidos e tipos humanos encontrados. Estendendo sua observação aos arredores indica que,

Em frente ao Mercado, muito próximo ao cais do Guaíba, situa-se uma instalação para venda de peixes, um tanto pequena, mas de bela construção em ferro, na qual todas as manhãs, mas principalmente nas sextas-feiras, enormes quantidades de peixes de todas as espécies são vendidos e por preços muito baratos (*ivi*, p. 180).

Ali próximo estariam ancoradas as embarcações que vendem carnes trazidas de Pedras Brancas, já mencionadas, que também oferecem transporte de pessoas através do Guaíba.

Tendo descrito os aspectos físicos do mercado e de seus arredores detém-se na anotação da vida em torno e em função dessa edificação, revelando as mudanças das atividades em relação ao passar das horas do dia e dos sujeitos que vivenciam esta experiência. O trecho citado é longo, mas é importante trazê-lo na íntegra.

Cedo de manhã, o Mercado nos oferece um quadro cheio de vida. Em frente ao prédio ficam estacionadas inúmeras carretas de duas rodas, tracionadas por 8 – 10 bois; os animais são atrelados aos veículos da forma mais sumária e primitiva e, nelas, as frutas são trazidas para a cidade. Em torno dessas carretas param queixosas, vivazes e gesticulantes negras, verdadeiras bolas de gordura, trajando longos e largos vestidos brancos de algodão, com um pano branco ou vermelho, que cinde a cabeça à guisa de turbante: elas são as mulheres do mercado, que aqui efetuam suas compras diárias. Há um alarido gritante e barulhento e muitas vezes demora muito até que a venda se efetue, para a satisfação de ambas as partes. Aos poucos, outros compradores chegam ao mercado e logo podemos ver uma mistura colorida de pessoas, que propiciam novos e lindos estudos de raças. Desde o preto-ébanos mais reluzente de gordura, todos os matizes de marrom e amarelo até o lindo branco com um halo rosado, todos os tipos de peles estão representados. Em destaque majoritário, aliás, estão as cores preta e parda dos serviçais brasileiros que providenciam as compras familiares diárias, de frutas, carnes, etc. Ao lado, porém, nos caem na vista um bom número de jovens meninas de saudáveis e radiantes semblantes, limpidamente trajadas, loiras, de faces rosadas, não raras com olhos azuis, que, com uma pequena cestinha, vem comprar verduras e frutas; são as domésticas das famílias de comerciantes alemães, filhas de colonos alemães, por isso de boa estrutura, figuras altas, nas quais brilha a saúde nos rostos. De permeio passeiam damas e cavalheiros socialmente mais bem evoluídos que se prazem em usufruir da azáfama cheia de vida do mercado, divertindo-se ou simplesmente desejando passear cedo, pela manhã. Fazem-se notar, principalmente, as vozes estridentes das negras gordas, que ocupam a metade do espaço e conversam entre si. Dessas conversações, lamentavelmente, nada se compreende já que conversam em idioma africano, ou a língua falada é uma incrível mistura de palavras africanas combinadas ao português, as quais por fim, sofrem ainda uma pronúncia de arrear os

cabelos, a ponto de julgarmos tratar-se mesmo, só de africano. Foi, para mim, muito divertido ver e ouvir essas crianças grandes. Cerca das oito ou nove horas, o Mercado fica mais silencioso e assim permanece através do dia; só alguns visitantes são vistos, entre os quais muitas damas, que compram frutas ou doces para saborear gulosamente. A maioria das vendedoras negras, de hortaliças e frutas, não ficam sentadas o dia todo no mercado; perto das 10 horas da manhã elas abandonam seus lugares, para oferecer suas mercadorias a domicilio, na cidade. Durante todo o dia perambulam pela cidade e em altos brados fazem ofertas ou sentam-se nas esquinas das ruas, nas calçadas, muitas vezes em grupos, para poderem conversar entre si (*ivi*, p. 181).

O Mercado Público deve ter tocado especialmente esse alemão. A quantidade de linhas que dedicou à sua descrição e a abrangência de aspectos que se esforçou por registrar foram extensas. O quadro que apresenta tenta dar conta de aspectos físicos e de todos os acontecimentos ordinários desse lugar trazendo detalhes incomuns e o colorido do cotidiano do ambiente que só um olhar dedicado e que esteve lá poderia trazer. Um tipo de experiência diária que não encontramos mencionados nos estudos de importantes pesquisadores sobre a cidade que tomamos como base para informações. É um tipo de narrativa mais próxima à jornalística ou literária do que à estritamente científica ou acadêmica. É um esforço em registrar um quadro complexo e plural de impressões, acontecimentos, vivências. Um texto rico que revela muito do universo do Mercado Público e da experiência cotidiana da cidade de Porto Alegre.

Em relação à praça onde os edifícios administrativos mais importantes da cidade estão localizados, escreve que,

Quando nos aproximamos da cidade, de navio, caem-nos na vista, sobre o topo da elevação, dois enormes prédios. Através da Rua General Câmara junto à esquina da Praça da Alfândega, conseguimos chegar a eles. Os dois prédios, externamente, são bastante parecidos, mas seu uso é bastante diverso; um é o Teatro e o outro a Câmara Municipal. Se caminarmos entre os dois edifícios, chegamos a uma grande praça, a qual, aliás, através de um jardineiro alemão, foi transformada em um lindo jardim. Sobre o lado fronteiro da praça, ergue-se um grande número de prédios públicos. A Catedral e atrás dela, descendo o declive, o enorme Seminário Clerical. Ao lado da Catedral, o Palácio do Governo, moradia do presidente e onde também se encontram as secretarias. Ao lado, a Assembléia Legislativa (*ivi*, p. 183).

O aspecto dos edifícios administrativos não é, nas impressões deste viajante, adjetivado. A praça onde estão estabelecidos sim. Trata-se agora um lindo jardim, ao contrário das descrições de outros tempos que expunham largo de terra muito mal cuidado no topo da elevação onde está a cidade.

Outra praça a qual se refere é a diante do mercado,

[...] um belo, amplo e bem instalado jardim, repleto de bom gosto em suas formas. Antigos visitantes de Porto Alegre lembrar-se-ão deste local somente como sendo um pântano; atualmente, porém, a antes denominada Praça Conde D'Eu, que pelas mãos de um jardineiro alemão, foi transformada em um jardim verdadeiramente bonito, veio a tornar-se um dos locais prediletos para encontros entre os moradores de Porto Alegre, ao entardecer (*ivi*, p. 181).

As mudanças deste espaço da cidade são significativas. Passa por local de deposição de lixo em 1829, posteriormente ponto de parada de carreteiros (Franco, 1998). Vai de pântano à, na passagem deste viajante, um belo jardim. Segundo estudos de Franco (1998) a Praça Conde D'Eu só teve seu ajardinamento iniciado efetivamente com a retirada do circo Universal do local em 1878. Importante destacar a nota acerca do uso da praça pelos moradores da cidade.

Além desta praça e da Praça da Alfândega há a referencia também à “denominada Várzea, desde muito tempo denominada Praça da Redenção, em homenagem ao fato de que desde 7 de setembro de 1884, a cidade de Porto Alegre não possuía mais nenhum escravo. Logo depois da Várzea, ergue-se uma enorme construção quadrada; é o novo quartel” (Filho - Franco, 2004, p. 184) onde estão as Escolas de Guerra e de Cadetes já mencionados. Não há nenhuma menção em relação às características do local nem de atividades que nele ocorrem.

Como espaços de lazer e encontro da cidade, além do já referido Menino Deus “um dos lugares preferidos para o lazer dos porto-alegrenses” (*ivi*, p. 178), estão “à direita [da Rua General Câmara], na parte da rua que conduz ao Guaíba, [...] a Deutsche Zeitung e o Clube Comercial, a mais fina associação internacional da cidade” (*ivi*, p. 182). O autor ressalta que os “concertos, teatro, carreiras, clubes recreativos, bons restaurantes e assim por diante, não deixam mesmo o mal habitado europeu sentir falta da pátria distante; não lhe causando por isso, nenhum sofrimento” (*ivi*, p. 185). São inúmeros os espaços de encontro e entretenimento.

Moritz Schanz

No momento de transição de regimes – monárquico para o republicano – Moritz Schanz faz sua viagem pelo Rio Grande do Sul. Alemão, nascido em Treuen (Vogtland/Alemanha) no ano de 1853 e falecido em 1922, era comerciante e foi “viajante por passatempo” (*ivi*, p. 15). Exerceu sua atividade profissional entre 1875 e 1890 no Rio de Janeiro. Seu livro *Quer Durch Sud-Amerika: Reiseskissen aus dem Jahre 1890* (Através da América do Sul: Notas de viagem do ano de 1890) publicado em Hamburgo no ano de 1891 é considerada por Barreto (1973-76, p. 1219) “obra informativa e simpática ao Rio Grande do Sul”. Ela relata, em suas primeiras 42 páginas, “a viagem se realizou em setembro de 1890, percorrendo o autor as cidades de Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, S. Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz, Rio Pardo, Cachoeira do Sul e outras colônias alemãs” (Barreto, 1973-76, p. 1219).

Porto Alegre já era uma cidade bastante diferente em relação ao povoado colonial visitado por Saint-Hilaire. Contava com população muito maior, com contingente populacional de imigrantes alemães e italianos, equipamentos de uso público e infra-estrutura urbana bem diferente.

A alusão aos equipamentos e espaços públicos também está presente em seus diários. Sobre as instituições de ensino anota que “encontramos justamente lá [no Menino Deus], sob a direção do pastor, duas escolas alemãs, cujos alunos se divertiam brincando de guerra e outras distrações ao ar livre” (Filho - Franco, 2004, p. 17). Ali, “a igreja alemã e dois colégios alemães para rapazes e moças, com 150 e 100 alunos, respectivamente, servem como base para a continuação da língua alemã, bem como de seus costumes” (*ivi*, p. 17-18). Além destas duas escolas e do templo religioso – mantenedores da cultura e língua alemãs –

chama a sua atenção “um grande colégio militar, onde a disciplina entre os rapazes adolescentes é ainda mais escassa, além de praticarem sofrível política irresponsável, o que constitui um tormento para a boa sociedade” (*ivi*, p. 17).

Indica ainda que na cidade existem “muitos quartéis, cujas tropas não contam, propriamente, com disciplina exemplar” (*ibidem*), indisciplina que acompanha a dos alunos do colégio militar. Já sobre a cadeia menciona que

[...] justamente na ponta da língua de terra, encontra-se, na mais bela localização, a mais imponente e maior construção da cidade, o presídio; é realmente um ‘alegre presídio’, de onde ouvem-se as brincadeiras e danças, através da reverberação sonora e, no qual, os presos, mesmo os mais criminosos, recebem um tratamento inacreditavelmente indulgente (*ivi*, p. 16).

Apresenta aí um desacordo entre, por um lado, o clima alegre de danças e brincadeiras num edifício imponente e assentado na mais bela localização da cidade, e de outro, a função de penalização da detenção. Mais uma vez, como já havia feito Breitenbach, há a percepção de discrepância de caráter entre os aspectos formais-estéticos do prédio e sua finalidade, e também na vida alegre dos detentos versus a intenção de punição. A reclusão é flexível e os prisioneiros são favorecidos com a possibilidade de trabalhar, vender e ter lucros com seus produtos, sair às ruas e visitar tavernas. Segundo as notas de Moritz

[...] o lucro auferido com seu trabalho pertence aos mesmos; acompanhados por policiais, os prisioneiros saem do presídio, a fim de vender os sapatos por eles confeccionados, bem como chapéus, etc., e depois, também, calmamente, vão visitar alguma taverna, o que então se torna justificado (*ibidem*).

Sobre outros edifícios comenta que próximo ao cais, ou “atracadouro fica a Alfândega, que chama a atenção por ser tão pequena” (*ibidem*) e que “na praça principal, localizam-se a Catedral, o Teatro, a Câmara Municipal (dois prédios grandes e semelhantes)” (*ivi*, p. 17). Não há descrição dos detalhes dessas obras. Sobre os espaços de esporte ou lazer afirma que na praça principal da cidade está “o Clube dos Dilettantes ‘Filarmônica’ que possui bela e grande sala para concertos. Outro grande clube internacional situa-se lá, na cidade baixa: o Clube Comercial, com instalações amplas e razoavelmente elegantes” (*ibidem*). Trazendo mais detalhes sobre estes espaços aponta que

[...] nada menos do que 15 clubes são alemães. Dentre eles, três são de tiro ao alvo, um denominado ‘Clube dos Comilões’, que, apesar de seu nome áspero, oferece tranqüila mesa ao meio-dia e é freqüentado pela turma jovem e o Clube dos Viajantes, os quais visitam as cidades circunvizinhas e coloniais para vender as mercadorias das firmas atacadistas, mediante mostruário. O maior e mais bonito, porém, é o Clube Germânia, com elegante sede própria construída em pedra de arenito vermelho, em estilo Renascentista. É composta pelas tradicionais salas de reunião, sala para teatro e concertos, além de ótimas instalações para jogo de bolão (*ivi*, p. 18).

Referindo-se às praças e parques – além daquela onde localiza-se a Catedral, o Teatro, a Câmara Municipal – mais especificamente próximas às ruas Andradas e Sete de Setembro, anota que “algumas praças ajardinadas

enfeitam a cidade baixa, que, ao anoitecer, principalmente quando toca a banda militar, atraem muitos grupos joviais e risonhos” (*ivi*, p. 16). Essa praça que está na parte baixa ao norte da cidade, próxima ao porto, é a atual Praça 15 de Novembro, anteriormente denominada Praça Conde D’Eu. Mais um espaço para encontros e socialização.

Cruzamento geral das informações dos viajantes.

As anotações do conjunto dos viajantes adotados em relação aos equipamentos e espaços públicos não são uniformes. A extensão das anotações e a abrangência aos itens elencados – hospitais, instituições de ensino, templos religiosos, cais e alfândega, quartéis e outros de cunho militar, teatros, cemitério, presídio, mercado, edifícios administrativos, esporte e Lazer, praças e Parques – são desiguais entre os autores. Esta desigualdade denota a importância que cada autor deu a cada aspecto ao visitar a cidade, mas também à presença e importância de cada item no momento histórico em que cada viajante passou por ela. Estas desproporções e lapsos dificultam a identificação das transformações dos equipamentos e serviços públicos de maneira contínua em tempos regulares e usando somente os textos das anotações de viagem.

Alguns viajantes apenas citam a existência dos equipamentos, como são em geral os relatos de Isabelle, e outros se demoram na explicitação das características físicas e na relação dos habitantes das cidades com estes equipamentos, como é o caso de Breitenbach ao escrever sobre o mercado público. Estes dois são os extremos na extensão do relato e atenção dada aos equipamentos públicos. O francês Saint-Hilaire e o alemão Canstatt, os alemães Lallemand e Schanz apresentam informações mais proporcionais entre si.

Há apenas o comentário de um dos viajantes sobre os cemitérios da cidade. Somente Breitenbach na década de 1880 anota que na Azenha havia um cemitério, sem dar detalhes sobre ele. Falta de informações como esta impossibilitam a elaboração das transformações de aspectos da cidade de maneira continuada e mais completa.

Fazem menção ao mercado três dos seis viajantes observados. Saint-Hilaire indica que próximo ao cais está o mercado onde vendedores acorados junto aos produtos, em barracas dispostas desordenadamente, vendem suas diversas mercadorias. O mercado por ele mencionado é a quitanda que dava nome à praça, localizada na atual Praça Senador Florêncio, popularmente conhecida como da Alfândega, dado que o edifício do mercado público é de data posterior a passagem do botânico à capital e em outro local. Canstatt deixa-nos apenas a breve notícia de que existe na cidade um mercado de verdadeira beleza arquitetônica. Já é o mercado público na posição onde está hoje, na Praça 15 de Novembro. Breitenbach, pelo contrário, faz uma descrição longa e minuciosa do mercado e da vida que existe em função dele. Este autor transmite, em seu texto, sua localização, suas características arquitetônicas, o agenciamento dos espaços internos, os produtos e serviços oferecidos, a origem dos vendedores e uma riquíssima descrição da experiência cotidiana e dos acontecimentos ao longo dos diferentes horários de funcionamento. Descrição esta apresentada com o colorido e a animação de uma obra literária, provavelmente um esforço do autor em inculcar beleza ao texto. Refere-se ainda à instalação de venda de peixes construída em ferro logo ao lado do mercado e aos barcos ancorados no porto próximo que vendem carne. Se os relatos dos

demais viajantes que fazem alusão ao mercado fossem detalhados como o de Breitenbach seria possível construir um quadro rico das diferentes fases pelas quais passou o mercado. Como as descrições são poucas e muito assimétricas esse panorama torna-se difícil. Importante ressaltar as transformações do espaço do comércio, antes uma feira repleta de barracas até a construção de uma edificação própria para receber o mercado, pólo de convergência e de uma complexa vida urbana.

Quatro dos seis estrangeiros que servem de informantes a esse trabalho fazem comentários sobre os locais de esporte ou de lazer da cidade. O trecho mais próximo a este item que encontramos no texto de Saint-Hilaire é o que indica que as pessoas vão freqüentemente “cavaquear” nas lojas, ou seja, conversar, bater papo. Todavia faz menção a não haver na cidade nenhum clube. Já Canstatt, 50 anos depois, na década de 1870, comenta que a sociedade alemã em Porto Alegre dividia-se em agremiações e clubes para jogar, dançar e beber. Na década seguinte Breitenbach indica que o arraial do Menino Deus, ligado à Porto Alegre por uma linha de bonde, era um dos lugares preferidos para o lazer do Porto Alegrense. Não faz indicações mais precisas sobre que tipo de lazer seria esse. Além dos passeios ao Menino Deus este autor comenta que os concertos, teatros, carreiras, clubes recreativos e restaurantes não deixariam desamparado o europeu acostumado às comodidades do velho mundo. Posteriormente Schanz expõe a existência de espaços para concertos, além de quinze clubes alemães, alguns com salas de reuniões, de jogos e espaços para apresentações teatrais. Ainda em relação aos espaços de entretenimento, encontro e distração, mas mais especificamente no tocante aos teatros, cinco dos viajantes escrevem. Isabelle, na década de 1830, indica a existência de um velho barracão, em parte subterrâneo, que servia de espaço, em seu entender impróprio, para apresentação de comédias burguesas. Admite ainda haver em construção um belo, porém mal posicionado teatro – próximo a parte alta da cidade. Lallemand duas décadas depois comenta a existência de um teatro recentemente concluído. Este alemão, convidado a assistir uma apresentação, vai ao teatro descrito por ele como moderníssimo, em sua opinião a casa mais esplendida da cidade, até desproporcional ao acanhamento geral da cidade. Já Canstatt na década de 1870 alude brevemente à existência do teatro e sua condição diferenciada em relação ao contexto nacional. Breitenbach, na década seguinte, faz uma referência rápida e nada detalhada ao teatro. Comenta só que os prédios do teatro e da Câmara Municipal são bastante parecidos. Schanz procede de maneira semelhante com um comentário mais conciso do que o de Breitenbach sobre a existência do teatro. Desta forma estes dois autores não contribuem significativamente para explicitar a situação do teatro nos anos em que passaram pela cidade.

O acompanhamento destes relatos ao longo dos 70 anos adotados nos demonstra a diversificação de possibilidades de distração na capital. O crescimento da população alemã vai impulsionando o crescimento da quantidade de espaços de encontro. A construção do novo e arquitetonicamente imponente teatro corrobora essa tendência de agitação social.

Comentam a existência de hospitais na cidade cinco dos seis viajantes. Saint-Hilaire em 1820 escreve sobre o início da construção de um hospital de grandes proporções fora da cidade num dos pontos mais altos da colina. Esta posição é, em seu entender, uma escolha adequada ao programa do edifício. Evitaria contágios, tornaria-o bem arejado e possibilitaria facilidade de acesso

aos suprimentos médicos e farmacêuticos. Isabelle apenas cita a existência de um hospital e de uma casa de beneficência. Lallemand, após a Guerra dos Farrapos, também faz referência ao grande, amplo e espaçoso hospital ainda inconcluso que se acessa a partir da rua que sai da praça da matriz. Faz menção também à Caridade, instituição de fins beneficentes, mas sem detalhes sobre o edifício e sua condição. Canstatt apresenta uma descrição importante do hospital por ser detalhada, narrar a organização do programa arquitetônico e das instalações. Narra ainda acontecimentos conflituosos que ocorrem ali, como por exemplo, a festa anual no dia de Ano Bom quando o hospital fica aberto para visita pública e também sua proximidade com o Quartel da Guarda Nacional com seu regular rufar de tambores, ambos inconvenientes perturbadores da tranqüilidade local. A menção à posição do hospital à saída da cidade denota que esta expandiu-se com o transcorrer do tempo e foi avizinhandose à casa de saúde. Este autor afirma ainda serem recebidos ali mais de mil doentes por ano e de ali existirem ainda o manicômio e um asilo de expostos. O alemão Breitenbach na década de 1880, comentando as edificações existentes na face sul da península, refere-se a um hospital que existiu na ponta da península. Este autor não faz referência a nenhum outro hospital da cidade. Schanz não faz anotações sobre hospitais da cidade. Da visão de Saint-Hilaire de um grande hospital em início de construção a Santa Casa de Misericórdia é conhecida ainda em construção por Lallemand na década de 1850. Nas décadas de 1870 Canstatt já descreve com detalhes o grande hospital sem menção a obras, o que nos leva a crer que, nesse período, ele estaria concluído. A cidade, que em Saint-Hilaire estava relativamente distante do hospital, em Canstatt já é sua vizinha. A descrição do hospital acaba por proporcionar a percepção de outro aspecto, o processo de expansão da cidade ocupando os terrenos à leste da península. As referências menos precisas à Beneficência não permite a percepção de sua situação ao longo do período.

A existência de instituições de ensino é primeiramente anotada por Isabelle na década de 1830. Este francês indica haver apenas escolas primárias-elementares e uma recém instalada escola primária superior. Na opinião deste viajante a província é muito descuidada com a educação. Os interessados no ensino superior têm a necessidade de deslocarem-se para universidades em São Paulo. O alemão Canstatt apresenta na década de 1870, quadro semelhante ao apresentado por Lallemand no que diz respeito à qualidade do ensino na província. Para ele o ensino nas muitas escolas e instituições de instrução secundária é incompleto, o que estimula muito de seus compatriotas a retornarem à Europa. As instituições secundárias dignas de menção são o Seminário Episcopal e o Liceu. Tem boas notícias ainda de algumas escolas secundárias que estavam sendo fundadas na cidade por particulares alemães. Breitenbach indica a presença de uma Escola Normal no lado sul da península onde estariam empregados diversos professores alemães e onde está situada a biblioteca pública, além de notar a existência da Escola de Guerra e a Escola de Cadetes logo depois da várzea numa enorme construção quadrada, próximo. Faz referência também a um colégio para órfãos próximo aos edifícios do Arsenal separados pela Rua dos Andradas na ponta da península. As escolas, em suas anotações, são compostas por salas unitárias. Em 1890 Schanz encontra o grande colégio militar – de alunos indisciplinados e praticantes de política irresponsável – e no Menino Deus duas escolas alemãs.

Ao longo do correr desse período do século XIX a cidade relatada pelos viajantes foi passando por etapas de aumento na disponibilidade de ensino e de níveis de instrução mais elevados. Importante ressaltar a importância que os alemães vão tomando na participação no ensino na capital, fundando escolas e lecionando nas salas de aula. Essa alusão à participação dos alemães nas escolas pode ser um fato concreto ou ainda um destaque dado aos conterrâneos viajantes.

Cinco são os viajantes que tomam nota sobre o cais e a alfândega existentes na cidade. O estrangeiro que não se refere a eles é o alemão Lallemand. O botânico Saint-Hilaire registra estar posicionada na metade da Rua da Praia o trapiche de cem passos de comprimento dirigido ao Guaíba que tem em sua extremidade um armazém onde são recebidas as mercadorias vindas pela água. Na outra extremidade, na margem, o edifício pesado e feio destinado à alfândega à entrada da ponte, o que prejudica a vista do cais para a cidade. Um ano depois, ao visitar novamente Porto Alegre, este francês anota a demolição e a construção de outro edifício da alfândega que apesar de ter um projeto melhor repete o inconveniente da implantação citado anteriormente. Chega a imaginar a proposta de um cais não encoberto pela edificação e diante dele uma praça onde continuassem a realizar a feira. Além desse ponto específico – onde estão o cais e a praça do comércio e da quitanda – cita ainda ter sido iniciado e interrompido sem finalização um cais destinado ao arsenal em frente à Igreja das Dores. Vê nele defeitos de implantação e inconvenientes em relação ao material de construção adotado. Na década seguinte Isabelle comenta existir o sólido edifício quadrado da alfândega à margem do Guaíba, próximo à zona comercial. Da porta deste edifício sai um trapiche de madeira que avança uns cem passos ao Guaíba e tem em sua extremidade um vasto barracão onde os navios atracam para carregar e descarregar. Cita ainda a intenção de aterrarem-se as margens para aumentar em extensão a área central da cidade. Quase três décadas após a Guerra dos Farrapos Canstatt cita muito rapidamente que o edifício da alfândega é uma construção precária – “feia espécie de palheiro”. Posteriormente Breitenbach escreve que o navio que o levava à Porto Alegre encostou em um largo trapiche que o permitiu ir diretamente dele para a terra. A sua percepção é de que a alfândega é um velho e miserável casarão que, comparada com a inconclusa alfândega de Rio Grande, não faz jus à importância comercial da cidade. Em 1890 Schanz faz uma referência ligeira à alfândega afirmando que em frente ao atracadouro fica seu edifício que chama a atenção por ser tão pequeno.

A avaliação e descrição do cais por onde se chega à cidade e sobre o prédio da alfândega modifica-se pouco ao longo dos setenta anos tomando como base a leitura dos viajantes. As descrições apresentam a permanência da relação das partes que compõem o conjunto – o prédio da alfândega na margem, o trapiche/cais que avança sobre o Guaíba e a construção na extremidade oposta à da alfândega – e da avaliação dos viajantes sobre elas, apesar dos aterros e retificações da margem que foram acontecendo no correr do tempo. A consideração nos viajantes sobre a aparência do edifício da alfândega é sempre depreciativa – feio e pesado, feia espécie de palheiro, velho e miserável casarão se comparado ao edifício com a mesma finalidade na cidade de Rio Grande, não acompanha a importância comercial da cidade, edifício muito pequeno, prejudica a vista para a cidade. Mesmo com a melhora da edificação apreciada por Saint-Hilaire, a avaliação da aparência mantém-se.

Permanece também o reconhecimento da facilidade que o trapiche, vindo de dentro do Guaíba, traz para os navios atracarem, para carregarem e descarregarem mercadorias e que permite ainda que os passageiros saíam do navio e sigam diretamente à terra. A proximidade dos relatos chega ao detalhe de Saint-Hilaire e Isabelle darem igualmente a mesma medida ao trapiche, 100 passos de comprimento. Dessemelhantes são as referências de Saint-Hilaire à construção interrompida do cais para o Arsenal em frente à Igreja das Dores e o comentário de Isabelle sobre a intenção de aterrar-se a margem do Guaíba para criar mais área no centro da cidade.

Quase todos os seis viajantes fazem anotações sobre os quartéis e outros edifícios de cunho militar, mesmo sendo de maneira muito desigual na extensão e no detalhamento. Apenas Breintenbach não faz comentários a respeito deste item. Saint-Hilaire indica a existência de dois edifícios na extremidade da Rua da Praia – na ponta da península – que serviam de armazéns para a marinha, de depósito de armas e outras instalações necessárias às tropas. Indica existir entre os edifícios um considerável espaço com a Igreja das Dores num plano mais elevado e uma coluna encabeçada por um globo – o pelourinho – mais próxima ao Guaíba. Mais adiante este autor volta a tratar deste largo. O botânico menciona também algumas características destes prédios, apresentando na fachada voltada para o Guaíba uma espécie de apartamento alongado rente ao chão tendo na extremidade um pavilhão de um andar. Isabelle faz somente um comentário ligeiro sobre a existência de um arsenal e dois quartéis na cidade. Lallemant, assim como o viajante precedente, comenta superficialmente que na rua que desce do topo da colina em direção à ponta da península, na margem, está construído um imponente arsenal, além da cadeia pública. O alemão Canstatt cita um quartel posicionado em outro local, na outra extremidade da rua da praia. É o Quartel General da Guarda Nacional posicionado próximo o suficiente do hospital da Santa Casa a ponto do rufar dos tambores perturbar o sossego dos doentes. Schanz cita sem precisão haver na cidade de Porto Alegre muitos quartéis de tropas que não contam com disciplina exemplar, além da referência ao Colégio Militar após a várzea citado anteriormente.

A leitura cronológica dos viajantes explicita que o espaço militar que inicialmente concentrava-se na ponta da península vai se dispersando pela cidade. Não há a possibilidade de identificar transformações mais precisas por conta da imprecisão e extensão das informações. Saint-Hilaire é o estrangeiro que traz mais dados, apresentando a posição na cidade, o programa que atende, o espaço de entorno e a alusão às formas do edifício.

Outro item relativo aos equipamentos e espaços públicos que cinco dos seis viajantes abordam é o das praças e parques. Somente Isabelle não faz nenhuma alusão à praça, mas refere-se à casa do governo da Província, a tesouraria e a igreja principal instalados na Rua da Igreja, a do alto da colina, sabidamente os edifícios de uma das faces da atual Praça Marechal Deodoro, popularmente da Matriz. Saint-Hilaire descreve esta praça existente na Rua da Igreja, que se estende sobre a crista da colina. Estão aí os três principais edifícios da cidade, o Palácio, a Igreja Paroquial e o Palácio da Justiça, todos construídos alinhados e voltados para noroeste. A face oposta é livre. Estão posicionados sobre um muro de arrimo que tem logo abaixo a praça muito irregular cujo aterro é mantido por pedras soltas formando tabuleiros de geometria irregular. Um ano após a primeira visita volta a referir-se a esta praça indicando que com

a interrupção dos trabalhos na praça as chuvas rasgavam ravinas no solo e provavelmente a obra seria perdida. Três décadas depois Lallemand cita brevemente a existência da grande praça irregular onde estão a Igreja Matriz, o Palácio da Presidência, o Teatro recentemente construído e o pequeno edifício da Assembléia. A menção de Canstatt sobre o item é mais extenso. Este alemão indica que a cidade é ricamente dotada de praças. A praça já citada pelos outros viajantes localizada no topo da colina é mencionada como sendo o ponto principal da cidade. Comenta estarem ali o Palácio do Governo, a Catedral, a Municipalidade, o Salão de Baile – que não é o teatro – e o Teatro. Todavia não faz comentários mais aprofundados acerca das características desta praça. Menciona ainda ter conhecido a Várzea, um grande campo muito perto da cidade que serve de picadeiro e pastagem para cavalos e bovinos. O autor detém-se a descrever acontecimentos corriqueiros desse lugar, como a chegada de grandes manadas de cavalos e gado, a vida dos tropeiros e carreiros ao redor de fogueiras preparando o feijão com charque, o deserto que a campina fica à noite. Breitenbach, além da Praça no alto da colina e da Várzea, escreve ainda sobre a Praça Conde D’Eu – atual Praça 15 de Novembro – e faz uma rápida menção a da Alfândega. A praça no alto da colina é circundada pelos prédios bastante parecidos do Teatro e da Câmara Municipal além da Catedral do Palácio do Governo e a Assembléia Legislativa. A grande praça foi, segundo ele, transformada num lindo jardim por um jardineiro alemão. A Várzea, já denominada Praça da Redenção tem na sua face mais distante da cidade a enorme construção quadrada da Escola de Guerra e Escola de Cadetes já mencionados. A Praça Conde D’Eu, que avista ao sair do recinto do Mercado, é um belo, amplo e bem instalado jardim. Este local, também transformado pelas mãos de um jardineiro alemão, é um dos locais prediletos para encontros entre os moradores da cidade ao entardecer. Schanz comenta que as praças existentes na parte baixa da face norte da cidade atraem grupos joviais ao anoitecer, principalmente quando toca a banda militar. Faz alusão também à praça principal da cidade onde localizam-se a Catedral, os prédios semelhantes do Teatro e da Câmara Municipal e o Clube dos Dilettantes Filarmônica.

A praça no topo da colina, a conhecida hoje como Praça da Matriz, vai de um tosco terreiro descuidado na década de 1820, a um lindo jardim na década de 1880. Ela é sempre percebida como a praça principal da cidade e vai acumulando edifícios do poder – civil e religioso – e de relevância cultural – o teatro. A menção à praça ao lado do mercado, a atual Praça 15 de Novembro, nos permite identificar os obras de melhoramentos que ela vai acumulando, até apresentar-se como um belo, amplo, bem instalado jardim e um dos importantes locais de encontro dos jovens ao anoitecer. Pouco a pouco os estes espaços públicos vão sofrendo processos de melhorias que vão da regularização do terreno à instalação de jardins. Somente a Várzea parece não modificar-se com o tempo, somente vai ter destaque como local de reunião de tropeiros que esperam distribuir suas mercadorias fora da cidade.

A avaliação sobre os edifícios administrativos, e mais precisamente os situados na praça do topo da colina, é comum aos viajantes e parece manter-se com o passar dos anos. A opinião de Saint-Hilaire é que eles não oferecem beleza independente da do sítio de implantação e não acompanham a importância da cidade e da Capitania. O Palácio do Governo é uma casa comum, o da Justiça mais mesquinho ainda, a sede da Câmara uma casinha e menos importantes os outros edifícios públicos. Nos escritos de Isabelle eles são

extremamente simples. Avé-Lallemant comenta que não há edifício público grandiosos na cidade e o palácio do presidente é simples e velho. A percepção de Canstatt sobre este mesmo edifício é de que ele não passa de um modesto edifício de um andar. Quase no fim do século XIX Breitenbach e Schanz comentam a existência dos edifícios, mas sem detalhes.

O local de detenção – cadeia, prisão, presídio – é comentado por todos os viajantes e seus textos explicitam sua transferência de lugar. Saint-Hilaire indica que a cadeia não faz parte da Câmara como em outras cidades do país e que as duas existentes estão posicionadas na entrada da cidade, logo, próximo à Santa Casa em construção. Isabelle já se refere a existência de apenas uma cadeia recentemente construída, mas não dá sua posição. A partir de Lallemant a cadeia está sempre posicionada junto à margem do Guaíba, deixando a entrada da cidade. Para este autor ela tem aparência de castelo forte. Canstatt e Breitenbach anotam a mesma posição da cadeia, na extremidade mais avançada da península. Breitenbach e Schanz avaliam da mesma forma o aspecto da edificação prisional. Para os dois é uma das melhores construções, é dos mais imponentes edifícios da cidade. Este último relata que ela está, além disso, contraditoriamente na mais bela localização da cidade e é um alegre presídio, local de brincadeiras, danças e tratamento aos prisioneiros indulgente por parte das autoridades. A partir do relato de Lallemant a casa prisional é sempre vista como objeto que se sobressai no conjunto da cidade por sua posição privilegiada e pela imponência de sua construção, destaque colocado pelo desacordo entre estas características e a função de penalização da detenção.

Em relação aos templos religiosos a leitura dos viajantes apresenta o crescimento da quantidade de igrejas, a construção das capelas nos arraiais e a fundação das igrejas vinculadas à fé dos imigrantes alemães. Saint-Hilaire menciona a existência da igreja paroquial e de mais outras duas em construção, uma onde já se celebra missas e outra ainda sem cobertura e com a construção paralisada – uma delas é a igreja das Dores mesmo sem indicação precisa de qual seja e a outra ele não nomeia. Isabelle afirma que há cinco igrejas na cidade sem citar posição e suas características. Lallemant anota a existência da igreja matriz na grande praça irregular do topo da colina e de igrejas na planície ao sul da cidade. Chama sua atenção a inexistência de igreja evangélica, dada a grande população alemã na cidade. Canstatt refere-se somente à igreja pertencente ao hospital e a uma pequena igreja protestante muito simples. Breitenbach comenta que a cidade possui aproximadamente 10 igrejas, dentre elas duas alemãs – uma luterana e uma católica. Aponta ter conhecimento da capela do Menino Deus e da dos Navegantes em seus respectivos arraiais além da Catedral na praça do topo da colina que tem atrás de si, descendo o declive rumo ao sul, o enorme Seminário Clerical. Schanz cita somente a capela do Menino Deus e uma igreja alemã no mesmo arraial sem trazer detalhes sobre estas construções.

Bibliografia

AVE-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul: 1858*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

- BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-riograndense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1973-76. 2 vv.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes: um lugar no universo*. São Paulo, Metalivros, 1994.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. 4ª Ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 2005.
- CANSTATT, Oscar. *Brasil: terra e gente, 1871*. Brasília, Senado Federal; Conselho Editorial, 2002.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. Ed. São Paulo, Edusp, 1995.
- FILHO, Valter Antonio Noal - Sergio da Costa, FRANCO. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Santa Maria, Anaterria, 2004.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 3ª Ed. Porto Alegre, Editora da Universidade; UFRGS, 1998.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834*. 2ª Ed. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1983.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: historia e vida da cidade*. Porto Alegre, UFRGS, 1973.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: aspectos culturais*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1982.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: origem e crescimento*. 2.ed. Porto Alegre, UE/Porto Alegre, 1999.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *A Rua da Praia no imaginário social de Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, Trabalho apresentado no Encontro Nacional da ANPUR, 5, 1993.
- SOUZA, Célia Ferraz de. "Porto Alegre e sua evolução urbana". *Ponto & Vírgula*, Porto Alegre, vol.5, número 31, maio 1997, (p. 22-25).
- SOUZA, Célia Ferraz de. *O Sentido das palavras nas ruas da cidade: entre as práticas populares e o poder do estado (ou público)*. Porto Alegre, UFRGS, 1999.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *Contrastes regionais e formações urbanas*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *Porto Alegre cem anos de aterros: uma estratégia de desenvolvimento morfológico*. Texto para o Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2002.
- WEIMER, Günter. "Porto Alegre: a origem do traçado". *Ponto & Vírgula*, Porto Alegre, vol.5, número 31, maio 1997, (p. 26-29).
- WEIMER, Günter. *Origens e evolução das cidades rio-grandenses*. Porto Alegre, Livraria do Arquiteto, 2004.

Bruno Cesar Eufrazio de Mello:

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, Brasil; mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da mesma universidade, é professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da FEEVALE.

Contato: brunodemello@feevale.br